



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia de abertura da 17ª Feira Internacional da Indústria da
Construção (Feicon Batimat 2009)**

São Paulo-SP, 27 de março de 2009

O meu embarque às 3 horas já está perdido.

Bem, eu queria cumprimentar os companheiros ministros Miguel Jorge e
Márcio Fortes,

Cumprimentar a minha esposa,

Cumprimentar a senadora Ideli Salvatti,

Cumprimentar o Juan Pablo De Vera, presidente da Alcantara Machado,

Cumprimentar o Jair Saponari,

Cumprimentar o Cláudio (incompreensível),

Cumprimentar os trabalhadores da construção civil que estão aqui – sem
óculos eu não consigo enxergar direito,

O Antônio de Souza Ramalho, representando a Força Sindical,

O nosso querido Emílio, prefeito de Osasco,

O nosso companheiro Emílio Alves Ferreira Júnior, da Nova Central,

Cumprimentar o Waldir Mário Pires de Oliveira, da CUT,

Cumprimentar os empresários, as empresárias e os jornalistas que estão
aqui presentes.

Eu vou falar muito pouco, porque eu começo hoje uma viagem ao Chile,
do Chile eu vou ao Catar, do Catar eu vou a Paris, e de Paris eu vou a
Londres. Todas reuniões para que a gente discuta a crise econômica e as
soluções para a crise econômica. Não pensem que eu vou passear em Paris,
porque eu chegarei em Paris às 2 horas da manhã, às 11 horas estarei com o
presidente Sarkozy e às 3 horas estarei embarcando para Londres. Portanto,



vou deixar de conhecer Paris.

Mas eu queria dizer algumas palavras para vocês, porque é extremamente importante que a gente mantenha a confiança no Brasil, que a gente mantenha os projetos que vocês trabalharam tanto tempo para colocar em andamento, e que não tinham perspectiva e, sobretudo, mantenha o otimismo, para que os trabalhadores brasileiros possam sonhar com empregos, para que virem consumidores das casas que nós vamos construir.

Vocês estão lembrados que quando eu tomei posse, em 2003, eu disse que primeiro a gente faz aquilo que é possível, aquilo que é necessário, depois a gente faz aquilo que é possível, e quando menos se espera, a gente pode estar fazendo o impossível.

Vocês estão lembrados que quando surgiu essa crise... Ela surgiu em setembro de 2007, nos Estados Unidos, e chegou ao Brasil em julho desse ano [2008], com mais força no mês de agosto, com os reflexos mais fortes nos meses de outubro, novembro, dezembro e janeiro.

Muita gente ficou preocupada porque eu fui, no dia 22 de dezembro, em rede nacional de televisão, fazer um apelo para que o povo brasileiro não deixasse de consumir. Eu, que a vida inteira briguei contra o consumismo, fui para a televisão dizer que era hora de consumir, por uma coisa muito simples: a crise tem um lado que é crise verdadeira, e ela tem um outro lado que é o pânico, que é a incerteza, que é a falta de confiança e a falta de credibilidade. Essas duas coisas se somando ficam muito mais graves.

E eu fui para a televisão para mostrar que se nós tivéssemos medo de comprar, o comércio ia ter problema porque não ia vender. O comércio não vendendo, a indústria ia ter problema porque não iria produzir. Ora, o povo não comprando, o comércio não vendendo e a indústria não produzindo seria o caos econômico em qualquer país.

E é por isso que durante toda essa crise eu me mantive sereno, e possivelmente o mais otimista de todos os 190 milhões de brasileiros. Eu



recebi até muitas críticas porque eu amenizei a crise, porque eu não a mostrava como algumas pessoas achavam que eu deveria mostrar: que é o caos, que o Brasil acabou, que está tudo perdido, que vão ter milhões, milhões e milhões de desempregados. Tinha gente que queria que eu mostrasse isso.

Como nós tínhamos um capital político de ter contratado, nos primeiros anos, quase 10 milhões de empregados, e como eu fui sindicalista e sei que quando há uma crise econômica, que a empresa não está vendendo o seu produto, não há como a gente brigar para segurar o trabalhador, se não tem produção... Portanto nós, hoje, mais do que fazer uma pauta de reivindicação pedindo mais aumento, temos que contribuir para que a empresa venda mais, porque quanto mais ela vender, mais vai ter contratado trabalhador, e mais a gente pode reivindicar aumento.

Não existe possibilidade, na história do mundo, de os trabalhadores se beneficiarem em hora de crise. Não existe, nem no Brasil, nem nos Estados Unidos, nem na Suécia, nem na Finlândia, muito menos no Reino Unido. Época de crise é época em que todos perdem.

É por isso que, com muita tranquilidade, o governo vem tomando as medidas adequadas. Não tomamos nenhuma decisão de fazer nenhum grande pacote, porque todos os pacotes que foram feitos neste país viraram esqueleto e, depois, o governo tem que pagar, passam 20 ou 30 anos. Nós, agora, temos um esqueleto na Suprema Corte, que é o Plano Bresser, o Plano Verão e o Plano Collor. Depois, o resultado sobra para os trabalhadores, sobra para o governo e sobra para a sociedade. Então, nós vamos tomando as medidas de acordo com as necessidades, de forma muito equilibrada, sem ufanismo de um lado e sem pessimismo de outro lado.

Fazer essas casas... vocês sabem que o primeiro setor a ser consultado foi o setor da construção civil, foram os empresários. Eu não sei com quem o ministro Guido, o Márcio e a Dilma conversaram, mas eu fiquei muito assustado quando me comunicaram que os empresários diziam, naquela



época, que tinham condições de produzir 200 mil casas. Eu fiquei frustrado, porque 200 mil casas a Caixa Econômica já está construindo sem precisar do programa. É importante que vocês tenham clareza: esse programa é fora da normalidade da política habitacional da Caixa Econômica Federal. Isso é uma coisa extra, é uma coisa à parte.

Pois bem, então eu falei: “duzentas mil casas é muito pouco, isso a Caixa está fazendo, é preciso aumentar”. Vieram com a proposta de 500 mil casas. Eu falei: “eu acho que é pouco. Por que a gente não fica mais desaforado e faz a proposta de 1 milhão de casas?” E vocês sabem que as pessoas tremem quando a gente apresenta uma proposta dessa magnitude. As pessoas tremem porque é um desafio. Nunca foi dada aos empresários brasileiros, sejam os construtores de material de construção, sejam os construtores de casas, nunca foi dada a oportunidade de enfrentarmos juntos um desafio como este.

Pois bem, agora está colocado não mais o desafio, está colocado o Programa. Nós vamos ter que trabalhar fortemente para que no dia 13 de abril a Caixa esteja totalmente preparada, armada até os dentes, para que quando o empresário chegar lá com um projeto, não demore oito meses para dizer: “Olha, você tem direito ao seu projeto”.

Nós vamos trabalhar para que a partir do dia 13 de abril as coisas comecem a acontecer de verdade, porque esse programa vai resolver não apenas o problema de habitação, mas o problema de geração de empregos, e a cadeia produtiva é muito grande. A cadeia produtiva é uma das maiores do Brasil. Nós queremos resolver esses problemas mas, ao mesmo tempo, nós queremos mudar o paradigma da política habitacional do País.

É preciso a gente pensar que nós temos que resolver alguns problemas bem focados. Onde é que reside o grande problema habitacional hoje, no Brasil? É exatamente nas grandes regiões metropolitanas de todo o nosso país. Tem problema em todo o País, mas ele é mais forte exatamente nas



grandes cidades, porque no interior a convivência social é de um tipo mais afetuosos, mais carinhoso. Nas grandes metrópoles, essa convivência social vai ficando raivosa e violenta na medida em que as pessoas moram em lugares que significam não ter água, não ter esgoto, disputam espaço com ratos, com baratas, não têm área de lazer, as pessoas não se conhecem. E tudo isso vai criando um clima que vai gerando desânimo e vai gerando violência.

E também, se vocês pegarem os índices de desemprego, vocês percebem que quando vem uma crise, o desemprego cresce mais exatamente nas grandes capitais e na região metropolitana, porque as empresas também estão se afastando para as cidades com menos problema de transporte, com menos problema de violência.

Bem, então esse programa tem foco. Ele tem foco de público, ele tem foco regional dentro de cada cidade, e ele não esquece nenhum segmento da sociedade. Quando nós começamos o programa dizendo que iríamos cuidar de um trabalhador que ganha de zero a três [salários mínimos], que normalmente não tem chance de ter uma casa, e resolvemos colocar um subsídio maior... nós também resolvemos cuidar de quem ganha de três a seis [salários mínimos] e de seis a dez [salários mínimos].

E, mais ainda, também tomamos a decisão de facilitar a vida da classe média para que ela possa, em vez de utilizar como financiamento apenas R\$ 350 mil, que ela possa utilizar R\$ 500 mil de financiamento, para que a gente possa construir um projeto que possa atender à diversidade da nossa sociedade, sobretudo a diversidade social.

O que é mais importante em tudo isso? Tem um problema nos pobres brasileiros, nas pessoas que ganham menos. É que se a pessoa mora em um quartinho de 3x3 [metros] em uma favela, onde ela reparte o seu espaço de 3 metros para dormir, para fazer as suas necessidades fisiológicas, para namorar a sua companheira, para criar os seus filhos, se ela pagar R\$ 200,00 de aluguel e tiver que pagar R\$ 200,00 da casa, vira R\$ 400,00. Se ela estiver



ganhando salário mínimo, não vai poder pagar. O que nós estamos fazendo? O companheiro que ganha de zero a três [salários mínimos] só vai pagar a prestação da casa quando receber a chave da casa e botar o pé dentro da casa. Aí, ele vai poder comprar essa casa.

A coisa mais absurda que nós tínhamos... E também nós queremos que as pessoas comprometam apenas 20% do seu salário com o aluguel. Esse é outro dado importante. Eu, quando fiz a primeira reunião para discutir esse projeto, eu tomei um susto, porque me apresentaram uma escala dos juros para a política de seguro de vida. E, de repente, eu procuro um jovem como eu, com mais de 60 anos de idade, eu teria que pagar, de seguro de vida, 37% do valor da prestação. Um cidadão – que eu acho que a maioria das pessoas que compram casas, de 35 anos a 45 anos – teria que pagar 10% do valor da sua prestação, de seguro de vida. Então, você começava a tornar proibitivo as pessoas terem casa, porque você criava muito obstáculo.

Depois, quando nós estávamos mais ou menos de acordo com o projeto – da reunião participavam o Márcio, a Dilma, o Guido Mantega, a Caixa Econômica Federal, o Miguel Jorge – eu resolvi que o programa não deveria ser só do governo, que era preciso chamar os empresários dos vários setores da construção civil para trabalhar; que era importante chamar as centrais sindicais para a gente conversar sobre o projeto; que era importante a gente chamar os trabalhadores rurais, porque também tem uma parte dessas casas que podem atender à demanda da agricultura familiar neste país. Depois, faltava o último setor para ser chamado. Eu mandei chamar toda essa gente que está na rua, fazendo o movimento de moradia aí, pelo Brasil afora. Eu mandei chamar porque também eles têm direito de participar, porque eles têm mais experiência do que muitos de nós, que já temos a nossa casa.

Quando participou todo mundo, nós construímos o arcabouço do projeto. Eu posso dizer para vocês que vocês, que cuidam de habitação – poderia aqui pegar o de cabelo mais branco – possivelmente nós nunca tenhamos feito no



Brasil um projeto ousado como esse, do ponto de vista da quantidade; ousado como esse, do ponto de vista do dinheiro de financiamento, e ousado como esse para atender a população mais pobre.

Não pensem que é fácil, mesmo em um regime presidencialista, a gente convencer o ministro da Fazenda a colocar dinheiro para subsidiar o mais pobre. Qualquer um de nós aqui, se fosse tesoureiro, a gente queria sentar em cima do dinheiro. Tesoureiro bom não é aquele que gasta, é aquele que mostra o acúmulo de dinheiro.

E eu resolvi que é preciso, nesse momento da crise, a gente dar um final para a crise. Essa crise pode andar pelo mundo inteiro, mas aqui no Brasil nós não vamos nos acovardar para enfrentar essa crise. Aqui nós vamos fazer e trabalhar muito mais. Por isso que nós não paramos nenhuma obra do PAC, por isso que nós não paramos nenhuma obra da Petrobras. É por isso que eu vou começar, no mês que vem, a visitar obras no sertão brasileiro, onde as pessoas estão trabalhando à noite. Nós estamos pedindo para as empresas trabalharem em dois ou três turnos para a gente gerar emprego neste país. É por isso que a indústria automobilística voltou a produzir. É por isso que a Caixa Econômica, nesses três primeiros meses do ano, já contratou o triplo do que ela contratou nos três primeiros meses de 2008, que foi um ano estupendo.

A minha tese é essa, e é isso que eu vou levar para o G-20: se a gente ficar com medo, tentando resolver apenas o problema dos banqueiros que quebraram, a crise não vai acabar nunca. É preciso que se coloque aqueles títulos podres no arquivo morto, que se coloque dinheiro novo para fazer crédito, e vamos tocar o barco para a frente, porque senão os pobres do mundo é que vão pagar. Todo mundo sabe disso. Serão os pobres da África, serão os pobres da América Latina, serão os pobres do Brasil, os pobres americanos, serão os pobres do mundo inteiro que vão pagar, porque as pessoas mais ricas sempre acumularam uma poupança, aguentam um ano de



crise. E nós sabemos que as pessoas mais pobres não aguentam um ano de crise, não aguentam seis meses de crise.

Por isso, eu estou muito orgulhoso desse plano. Eu quero, de público aqui – não disse no dia –elogiar os ministros que trabalharam neste programa. Quero elogiar os empresários, os sindicalistas e os técnicos que ajudaram a construir porque, inegavelmente, é o mais perfeito plano habitacional proposto neste país. Nós tínhamos, inicialmente, dois anos para fazer. Eu resolvi tirar a meta de dois anos, porque se a gente fizer em dois anos e um dia, vão dizer que eu estourei o prazo.

Eu estou convencido de que a quantidade de torneiras que nós vamos ter que produzir, a quantidade de pias, a quantidade de telhas, a quantidade de vergalhões, a quantidade de vasos sanitários, a quantidade de coisas para descarga, a quantidade de chuveiros, a quantidade de portas, a quantidade de ferragem é de uma dimensão tão grande, que eu acho que nós vamos gerar os empregos que a construção civil precisa. E vamos gerar a estabilidade que o setor da construção civil, que ficou 20 anos morgando neste país, possa agora exercer o papel de setor econômico que mais pode ativar a economia do País.

Portanto, meus companheiros, saio daqui para viajar, agradecido, orgulhoso, porque o que nós estamos fazendo aqui pode servir de orgulho para outros países que têm uma crise maior do que a do Brasil.

Um abraço. Boa sorte e boas casas para vocês.

(\$211A)